

PRÉ-HISTÓRIA DO NORDESTE: PESQUISAS E PESQUISADORES

GABRIELA MARTIN*

Resumo: Na ocasião do II Simpósio de Arqueologia do Sudeste do Brasil, a autora do presente texto foi convidada, na qualidade de ex-presidente da Sociedade de Arqueologia Brasileira, a pronunciar palestra relativa à sua área de pesquisa. Nessa artigo, se faz um rápido esboço sobre o caminho seguido pelos primeiros estudiosos que se interessam pela arqueologia do Nordeste, até o advento dos novos pesquisadores que iniciam seus trabalhos de pré-história nos núcleos de pesquisa arqueológica que, aos poucos, implantaram-se na região. A preocupação pela utilização de princípios teóricos modernos e novas metodologias de pesquisa, está presente no texto.

Neste II Simpósio de Arqueologia do Sudeste do Brasil, devo agradecer inicialmente à Dra. Maria Cristina Scatamachia o convite para falar sobre Pré-história do Nordeste, palestra que tem como subtítulo “pesquisas e pesquisadores”, pois tanto como o conhecimento em si, considero importante lembrar os pioneiros da pesquisa arqueológica no Nordeste e os seus continuadores atuais, que imprimiram caráter a um trabalho árduo, que partia muitas vezes, do ponto zero em regiões inexploradas, tornando possível o desenvolvimento da nossa ainda principiante Pré-história.

Completei uma *Pré-história do Nordeste do Brasil*¹ que alcança as pesquisas realizadas até 1996, na qual procurei apresentar todos os dados publicados, ou mesmo por publicar, quando seus autores assim me autorizaram. O panorama que observei foi de muitas lacunas. Apenas “ilhas de conhecimento” no meio do desconhecido. Mas, assim mesmo, os dados acumulados nas últimas duas décadas apresentaram várias regiões do Nordeste com uma densidade inesperada de sítios pré-históricos e cronologias muito antigas.

Se nos remontarmos ao começo do século, veremos que houve uma intensa atividade arqueológica dentro do contexto e do conhecimento da época que, na maioria dos casos, chamaremos de pré-científica mas à qual não podemos negar o valor e a importância dos dados obtidos e dos sítios registrados.

Na década de 30, Carlos Estevão percorria grandes áreas do vale mé-

dio do São Francisco, assinalando sítios e recolhendo materiais arqueológicos que se encontram hoje, em grande parte, no Museu do Estado de Pernambuco, aguardando um estudo pormenorizado das coleções. Carlos Estevão iniciara também a escavação da Gruta do Padre, em Petrolândia, PE, hoje desaparecida sob as águas do lago de Itaparica. Pela primeira vez na arqueologia da imensa região nordestina, vislumbra-se, nos escritos de Estevão, princípios estratigráficos numa escavação arqueológica, além do simples desenterrar objetos e restos humanos.

Escritos mais ou menos fantasiosos informam-nos a existência de abrigos, cavernas e “chãs de cacós” e, sobretudo, de pinturas e gravuras rupestres, tão freqüentes nas serras nordestinas. *A Pré-história Sulamericana* de Alfredo de Carvalho é de 1910, mais amazônica e nordestina do que propriamente “sulamericana”. O jornalista Mário Melo publica repetidamente artigos sobre achados arqueológicos em Pernambuco, na Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco, nas décadas de 20 a 40. Clerot, na mesma época, recolhe na Paraíba uma infinidade de informações arqueológicas, assinalando abrigos funerários com esqueletos e cerâmicas que ninguém depois tratou de confirmá-lhes a existência. Mas, desde o começo do século, a Paraíba havia se distinguido pelo número crescente de eruditos, historiadores e jornalistas que de um ou outro modo interessam-se pela nossa pré-história. Impõe-se citar o cônego cearense Raymundo U. de Pennafort com o seu *Brazil Pre-historico* a quem chamou também de *Memorial Encyclographico*, publicado em 1900, onde misturam-se às mais variadas fantasias, informações etnográficas e arqueológicas.

Também na década de 20 duas figuras emblemáticas da arqueologia nordestina pré-científica fizeram importantes descobertas no NE. Refiro-me ao austríaco Ludwig Schwennhagen e a José da Azevedo Dantas, este último do Rio Grande do Norte. Admiradores um do outro, o primeiro entretanto imaginava as mais desvairadas epopéias de gregos e fenícios pelos sertões nordestinos; o segundo, mais contido, falava apenas de “Indícios de uma civilização pré-histórica” à vista da riqueza rupestre da região do Seridó, copiada por ele e conservada num manuscrito que recentemente conseguimos publicar e prefaciá-lo.

Em Alagoas, Alfredo Brandão, pesquisa sambaquis, coleta urnas funerárias indígenas e anota sítios rupestres, também na década de 30. Mas esses entusiasmos pioneiros parecem esgotar-se na década de 50 e a pesquisa arqueológica no NE não acompanha o ritmo iniciado pelo Instituto de Pré-história da Universidade de São Paulo, nem pela escola francesa de Annette Laming-Emperaire e depois pelos trabalhos de Betty-Meggers e Cliford Evans. Tanto

foi assim que, quando esses pesquisadores americanos implantaram o PRONAPA, em 1965, a imensa região nordestina ficou fora desse programa à exceção da Bahia, onde já trabalhava Valentin Calderón.

O espanhol Calderón representa um caso isolado na pré-história do Nordeste do Brasil. Amigo e discípulo de Hugo Obermaier e Pedro Bosch Gimpera, recebeu uma boa formação e praticamente foi quem primeiro iniciou pesquisas arqueológicas com critérios científicos na Bahia. Escavou a Gruta do Padre, no vale do São Francisco, primeira escavação estratigráfica realizada em Pernambuco, resgatando o que a pá de Carlos Estevão não havia destruído trinta anos antes.

As décadas de 70 e 80 representam porém, um enorme avanço nos estudos de pré-história na região, em relação aos anos anteriores. Significa a chegada da primeira missão franco-brasileira no Piauí, dirigida por Niéde Guidon e o reconhecimento do enorme acervo arqueológico da área de São Raimundo Nonato. Paralelamente, nos anos seguintes, o Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco, inicia pesquisas arqueológicas em Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

Quando se fala na pré-história do Nordeste e dos pesquisadores que na atualidade trabalham na região, devemos destacar o trabalho de duas mulheres extraordinárias que são as arqueólogas Niéde Guidon e Maria Beltrão. Admiradas por muitos, invejadas por alguns, contestadas às vezes, cada uma na sua área de pesquisa - o Piauí e a Bahia - deixaram o sossego cômodo dos seus gabinetes, respectivamente em Paris e no Rio de Janeiro, para embrenharem-se nos sertões nordestinos atrás de possíveis utopias pré-históricas. No julgamento apressado que alguns pesquisadores desinformados fazem do trabalho dessas duas arqueólogas, sempre sem conhecimento dos sítios nem os materiais pesquisados, há um denominador comum que lembra o refrão “a árvore não deixa ver o bosque”, pois, independentemente das datações, no Piauí e na Bahia, um tanto quanto insólitas para a presença humana na América, dentro dos padrões conservadores, os críticos levianos esqueceram o resto. Esse “resto” é constituído de décadas de trabalho e localização de centenas de sítios pré-históricos, abrigos com pinturas rupestres, escavações sistemáticas e da participação interdisciplinar de investigadores de renome internacional.

O conhecimento do valor arqueológico do Parque Nacional Serra da Capivara, Patrimônio Mundial da Humanidade reconhecido pela UNESCO, é obra de Niéde Guidon e Anne-Marie Pessis que, juntamente com seus colaboradores, projetaram no mundo científico um esquecido lugar no SE do Piauí.

As pesquisas na área Central, na Bahia, dirigidas por Maria Beltrão,

contribuem para a compreensão do povoamento pré-histórico da bacia do São Francisco e juntam-se aos dados obtidos por P.I. Schmitz em Coribe (BA), aos nossos na área de Itaparica e dos pesquisadores que trabalham na área de Xingó. Aliás, o cemitério do Justino, escavado por C. Vergne, é um dos sítios mais importantes do Brasil para a identificação das populações pré-históricas do Nordeste, tendo fornecido perto de 200 esqueletos numa seqüência estratigráfica de 2000 a 9000 anos BP.

Sobre a antiguidade do homem no Nordeste.

Em dezembro de 1993 reuniu-se um dos mais importantes eventos de pré-história nordestina brasileira e americana. Foi a “Conferência Internacional sobre o Povoamento das Américas”, em São Raimundo Nonato, PI. Dele participaram especialistas de vários países nas diversas disciplinas que compunham o tema e seus Anais representam um ponto de referência obrigatório para o estado atual do conhecimento sobre os avanços da ciência e das cronologias para a presença do homem no continente americano. A repercussão entre os arqueólogos brasileiros, lamentavelmente foi muito pequena, como se os problemas do povoamento americano pouco importassem para a pré-história brasileira. Aos que tiveram o privilégio de participar da reunião resta dizer aos outros que eles foram os maiores perdedores, mas tem ainda a possibilidade da leitura dos anais.

Há uma perigosa tendência que se observa em um bom número de arqueólogos brasileiros, de olharem para o próprio umbigo desconfiando do trabalho dos outros, assumindo a atitude do “não vi e não gostei”. A discordância, o debate e o argumento científico são sempre salutares e necessários, ao passo que a notinha de jornal e a macaquice de se repetir opiniões, porque são de pesquisadores de nome e sotaque estrangeiro, oscila entre o cômico e o patético.

Desde Nennana, no Alasca, até Monte Verde no sul do Chile, há evidência de ocupação humana anteriores a 15-20 mil anos nas Américas, em uns 80 sítios que os arqueólogos norte-americanos chamam evidências pré-Clóvis ou pré-Folsom².

Em 1964, Alex Krieger compilou uma lista de 50 sítios pré-Clóvis na América do Norte e do Sul. Anos depois, Scott MacNeish estabeleceu outra relação com 35 sítios. Marlan fez outra lista, com apenas cinco sítios, argumento utilizado por Thomas Lynch para afirmar que nunca existiram grupos pré-Clóvis, no sentido de que não existiram homens na América durante o

Pleistoceno. Lynch está errado, de acordo com os dados que aos poucos, os dois continentes fornecem. Mas os arqueólogos brasileiros não devem se deixar impressionar negativamente por tantas opiniões desencontradas e devem procurar fazer o seu trabalho o mais honesto e sério possível. Aconselho aos mais jovens que desconfiem do “princípio de autoridade” dos mais velhos, respeitando sua experiência, mas questionando seus argumentos se tiverem dúvidas. Recomendo também que soltem um pouco sua imaginação, sem abrir mão, naturalmente, da evidência científica, sem tomarem partido nas frequentes pequenas querelas ranzinzas de quem ficou no meio do caminho.

Na realidade não se pode ignorar o NE na hora de se discutir a antiguidade do homem na América e as vias de dispersão por ele percorridas, não importando se foi há 20, 30 ou 40 mil anos. O que importa é chegar-se cada vez mais perto de evidências que nos levem à verdade e, essas evidências ainda estão longe quando observamos a atual densidade das pesquisas sistemáticas na região.

É conhecida de todos a longa seqüência estratigráfica lograda no Sítio do Boqueirão da Pedra Furada que pode significar a permanência do homem pré-histórico nesse sítio a partir de 48 mil anos. Mas a Pedra Furada não é um caso único. Na medida em que as pesquisas avançam, descobrem-se novos sítios com cronologias que aproximam e situam os primeiros nordestinos no fim do Pleistoceno superior.

Instituições de ensino e pesquisa pré-histórica no Nordeste.

Até poucos anos somente duas instituições realizavam escavações arqueológicas continuadas no NE: a Fundação do Homem Americano no SE do Piauí e o Núcleo de Estudos Arqueológicos da Universidade Federal de Pernambuco. Eventualmente haviam missões periódicas de pesquisadores de outras instituições. É com indisfarçada satisfação que vejo, agora, o aumento de grupos de trabalhos estabelecidos em outras universidades da região, formados por antigos alunos saídos da Pós-Graduação em História da UFPE, hoje professores dedicados à docência e a pesquisa pré-histórica em Alagoas, Sergipe, na Paraíba e no Rio Grande do Norte.

O Laboratório de Arqueologia-LARQ, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, fundado por Paulo Tadeu de Sousa, vem se revelando como um dos novos grupos de pesquisa pré-histórica mais dinâmicos da região, pois, com apenas dois anos de funcionamento, desenvolve um amplo levantamento

dos sítios do litoral riograndense, no Projeto arqueológico das Dunas. Por sua vez, Patrícia Pinheiro durante sua permanência na Universidade Federal de Alagoas, realizou também o mapeamento do litoral alagoano, num esforço para recuperar e salvar da total destruição, os sambaquis que restaram na extensa área lagunar desse Estado.

Registre-se também, que a disciplina Pré-história, antigamente ilustre desconhecida nos currículos mínimos dos cursos de História, está sendo implantada em todas as universidades do Nordeste.

Pesquisa arqueológicas no Nordeste: a utilização dos dados.

O mais rico conjunto de dados que a pré-história do Nordeste fornece são os registros rupestres. Várias tradições de longa duração abrangendo grandes espaços, indicam também longa permanência de numerosos grupos étnicos que habitaram no interior nordestino, desde possivelmente 12000 anos BP, deixando seus registros nos paredões e abrigos sob rocha da região. Conhecida como tradição Nordeste, a mais antiga dessas tradições apresenta-se como uma riqueza temática e representação de um mundo simbólico e mítico que a fazem facilmente reconhecível. Essas características permitiram identificar-se sua dispersão desde um núcleo inicial, localizado na Serra da Capivara, no SE do Piauí, até o Rio Grande do Norte, Pernambuco, Sergipe e Bahia. Outra tradição posterior, identificada a partir de 6000 anos BP também no SE do Piauí, conhecida como Agreste, teve dispersão ainda maior por todo o Nordeste semi-árido. A localização dos sítios e a identificação e estudo das sub-tradições e variedades, que compõem esse enorme acervo arqueológico, é trabalho e responsabilidade das novas gerações de arqueólogos.

Novas técnicas vão se somando aos tradicionais procedimentos estilísticos para o estudo dos registros rupestres como as análises físico-químicas para identificação e datação dos pigmentos, conservação e limpeza dos registros gráficos e moldagem das gravuras mais ameaçadas de destruição.

Os novos arqueólogos que, aos poucos, vão marcando presença nas instituições do Nordeste não estão mais se preocupando em discutir os nomes atribuídos a tal ou qual tradição rupestre, somente porque os sítios estejam situados ao lado direito ou esquerdo do rio São Francisco, discussão estéril, que a nada leva. A utilização do registro gráfico como mais uma variável do registro arqueológico é o novo caminho a ser seguido.

A utilização massiva no NE dos sítios rupestres como lugares também de enterramento, descortinam uma nova dimensão religioso-funerária dos abri-

gos, cujas interrelações estão sendo estudadas por Ana Catarina Ramos na tradição Nordeste, na região do Seridó (RN) e por Ana Lúcia Nascimento nos abrigos da tradição Agreste em Pernambuco.

Em relação aos restos esqueléticos que permitem um maior conhecimento das populações que habitaram a região na Pré-história, vários achados afortunados aumentaram consideravelmente essa possibilidade. As necrópoles indígenas da Furna do Estrago (PE), Alexandre (RN), e Justino (SE) forneceram conjuntos de enterramentos primários e secundários com cronologias de 2000 anos para o primeiro e seqüências cronológicas para os outros dois situadas entre 2 e 9 mil anos BP. Não podemos deixar de lembrar aqui a enorme perda que significou para esses estudos o repentino falecimento da Dra. Marília de Melo e Alvim que tanto tempo vinha se dedicando ao estudo dessas coleções. Na atualidade, Adelson Santos, tem estudado a paleopatologia dos esqueletos do sítio Pedra do Alexandre, numa tese de doutorado brilhantemente defendida na Universidade Federal de Pernambuco.

Albérico de Queiroz estuda, na atualidade, os restos de micro-fauna, tão importantes na alimentação pré-histórica no semi-árido, tese do seu doutorado na Universidade de Genebra. O reconhecimento de marcas de fatura humana sobre ossos de fauna pleistocência, é estudo desenvolvido ao longo dos anos por Claude Guerin, da universidade de Lyon, especialista que colabora também no estudo da paleo-fauna associada a material lítico, no complexo lagunar das Caraíbas, em Salgueiro, PE.

As duas grandes tradições ceramistas - Aratu e Tupiguarani - em que foram divididas as populações de agricultores pré-históricos, precisam de uma revisão aprofundada, partindo-se do princípio da existência de grupos ceramistas locais e regionais não ligados diretamente a nenhuma das duas tradições citadas. Esse é, na atualidade, o metier de Suely Luna, da Universidade Federal de Pernambuco, dedicada ao levantamento prévio do grande número de coleções cerâmicas que dormem nos diversos depósitos de museus e outras instituições de pesquisa, materiais escavados ou coletados em superfície, porém nunca publicados.

De nada serve colocar-se em currículos uma longa relação de sítios escavados se eles não passaram depois pelo laboratório de análise e foram finalmente publicados. O que não se publica não existe e seria melhor silenciar do que se fazer alarde do que, no fundo, não passa, talvez de uma fraude científica. Todos sabemos como resulta difícil recuperar diários de campo e materiais escavados por outros, especialmente quando os diários de campo não existem mais. Coleções e mais coleções acumulam-se nos laboratórios, e

delas surgem na bibliografia apenas notas prévias, as quais com o passar dos tempos, passam a ser “definitivas”.

Desconfiemos das jovens promessas da arqueologia, que continuaram “prometendo” até transformarem-se em velhas glórias, sem ter realizado maior esforço que a promoção pessoal. Confiemos, porém, nos jovens que iniciam agora sua “nova arqueologia” e se embrenham nos sertões pelas velhas trilhas, já meio apagadas, dos antigos. Procuram-se novos caminhos sem esquecer os velhos, pois a Pré-história no Nordeste do Brasil tem muito a oferecer.

No discurso de abertura da Conferência Internacional sobre o povoamento pré-histórico das Américas, Enio Candotti referiu-se à Arqueologia como forjadora de “laboratórios naturais” de um patrimônio inestimável. Meio ambiente, ecologia, cultura e educação formam parte de um mesmo contexto e não funcionam uns sem os outros. A mudança de mentalidade que enquadre esse conceito nos estudos pré-históricos se faz necessária para a conservação do patrimônio natural e cultural brasileiro e o acervo arqueológico e paleontológico faz parte desse conjunto que os novos arqueólogos assumem o compromisso de preservar.

Abstract:- During the II Symposium on the Archeology of the Southeast of Brazil, the autor, former Presidente of Society of Brazilian Archeology, was invited to deliver a conference dealing with her area of research. This article, outlines the trajectory of archeological research in Northeast Brazil. It begins with a discussion of the works of those who first became interested in archeology and concludes with analysis of contributions of researches affiliated with archeological research groups with modern theoretical principles and new research methodologies.

* Universidade Federal de Pernambuco - Bolsista do CNPq.
E-Mail: gamar@elogica.com.br

Notas:

¹MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**. 2. ed., Recife: Ed. Universitária - UFPE, 1997, 450p.

² MACNEISH, Richard S. Provas Pré-Clovis de Pendejo Cave e suas implicações. **FUNDAMENTOS, Revista da Fundação do Museu do Homem Americano**, São Raimundo Nonato-PI, v. 1, n. 1, p. 171-200. 1996.

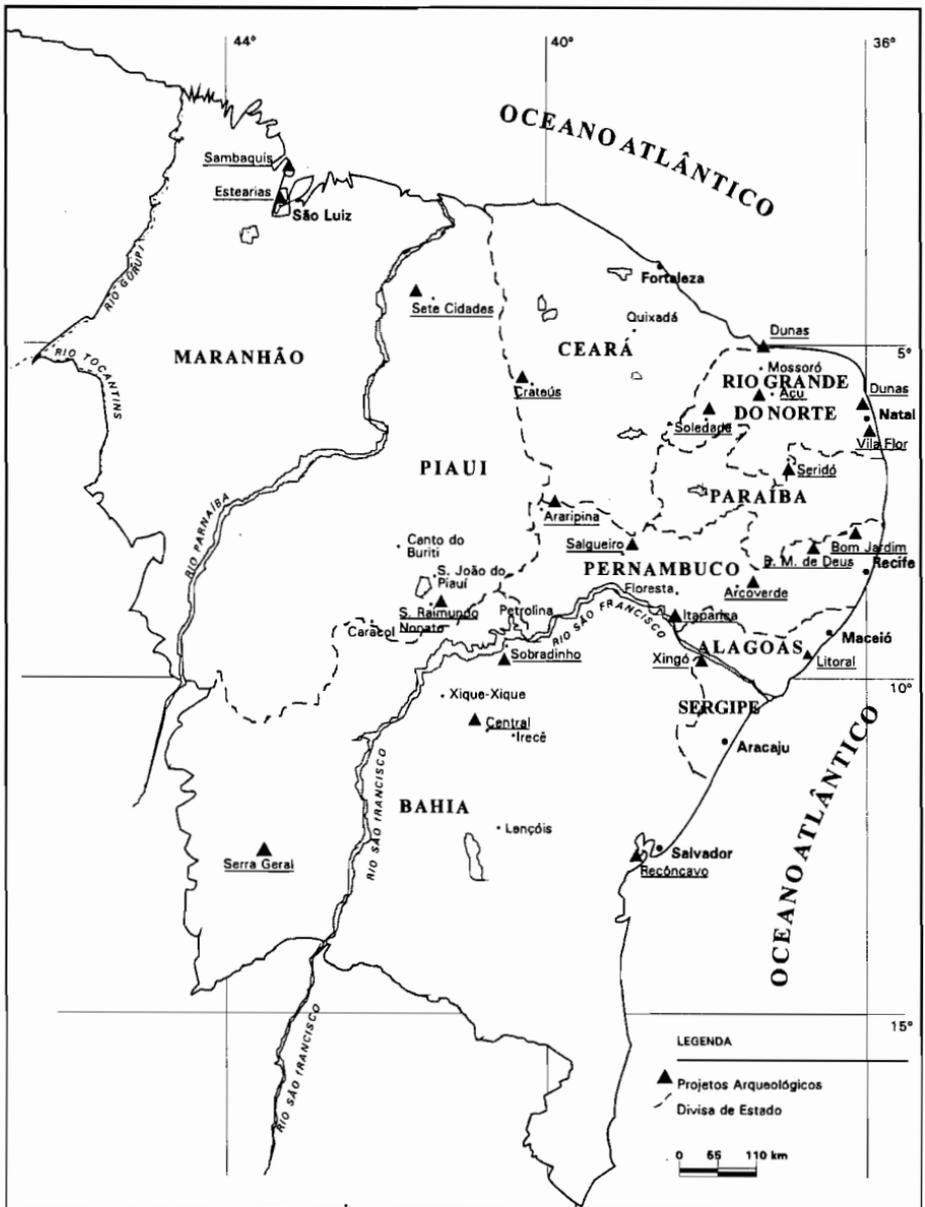


Figura 1. Projetos de arqueologia pré-histórica desenvolvidos no Nordeste do Brasil.